



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Curar-se da "cura das homossexualidades": um manifesto à despatologização

Karina Carvalho Veras de Souza

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Docente da Universidade Potiguar – UNP
Membro do Fórum do Campo Lacaniano – FCL Natal-RN
E-mail: kaveras@hotmail.com

João Victor Linhares Medeiros

Graduando do Curso de Psicologia pela Universidade Potiguar – UNP
E-mail: jovicmedeiros@gmail.com

Herbet de Souza Nunes

Graduando em Psicologia pela Universidade Potiguar – UNP
E-mail: herbet1992nunes@gmail.com

Resumo: Para a psicanálise o desejo é o equivalente da falta e advém da constituição sexual do sujeito, esta de natureza infantil e inconsciente. É na complexidade da travessia edipiana que o sujeito constitui sua posição sexuada inconsciente. Masculino e feminino serão, assim, posicionamentos do sujeito quanto ao seu desejo. Com base nisso, o presente artigo, ao expor os princípios da sexualidade inconsciente do sujeito, pretendeu contribuir para a desconstrução da patologização das homossexualidades, concebida muitas vezes, no campo das inadequações psíquicas entre o *eu* e o corpo. Concluímos, com a psicanálise, que não há sintonia possível entre o *eu* desejante – que percorre o desejo de *ser* homem ou o de *ser* mulher – e a realidade anatômica dos genitais.

Palavras-chaves: homossexualidades; despatologização; psicanálise.

Se soigner de la "cure des homosexualités": un manifeste à la dépathologisation

Pour la psychanalyse, le désir équivaut au manque et résulte de la constitution sexuelle du sujet, constitution infantile et inconsciente. C'est dans la complexité de la traversée de l' Oedipe que le sujet forme sa position sexuée inconsciente. Masculin ou féminin seront, ainsi, des positionnements du sujet quant à son désir. Partant de cette base, le présent article prétend, en exposant les principes de la sexualité inconsciente du sujet, contribuer à la dépathologisation des homosexualités, souvent conçue, dans le champs des inadéquations psychiques entre le sujet et le corps. Nous concluons par le biais de la psychanalyse, qu' il n'y a pas de syntonie possible entre le *moi* désirant- qui parcourt l'envie d' *être* un homme ou d' *être* une femme- et la réalité anatomique des organes génitaux.

Mots-clés: homosexualités; dépathologisation; psychanalyse.

Healing from the "healing of homosexuality": a manifesto to depathologization

For psychoanalysis, the desire is the equivalent of lack and it originates from the sexual constitution of the subject, which has *childlike* and unconscious nature. The subject constitutes his unconscious sexual position in the complexity of the Oedipal crossing. Then masculine and feminine will be positions of the subject according to her or his desire. Based on this, this article, when exposing the principles of the unconscious sexuality of the subject, intended to contribute to the deconstruction of the pathologization of homosexuality, often conceived in the field of psychic inadequacies between the *self* and the body. We conclude with psychoanalysis, that there is no possible tuning between the desiring *self*- which runs the desire *to be* a man or *to be* a woman - and the anatomical reality of the genitals.

Keywords: homosexuality; despatologization; psychoanalysis.

Curar-se da "cura das homossexualidades": um manifesto à despatologização¹

Karina Carvalho Veras de Souza, João Victor Linhares Medeiros & Herbet de Souza Nunes

Introdução

As práticas homossexuais sempre fizeram parte da história da humanidade. Na Grécia antiga representava uma relação educativa para as virtudes fundamentais, segundo as quais, entre os homens, se conduziam os mais jovens, que primeiramente eram designados à condição de amados, para seguir uma futura posição de amantes, constituindo uma modelização da transmissão dos ideais da cultura grega (Paoliello, 2013). Já na Europa ocidental, com o início do período medieval e o advento do cristianismo, passou a significar uma atividade condenada como pecado e crime contra a igreja, sendo acusada como abominável por desviar da suposta naturalidade que resultaria da união sexual entre o homem e a mulher, segundo alguns os preceitos da *bíblia*².

Mais recentemente, no período da modernidade, destacamos o acontecimento da psicanálise e seu criador, Sigmund Freud (1856-1939), que redimensionou a sexualidade humana, situando-a no campo da constituição do sujeito. Nessa empreitada, Freud avançou sobre as barreiras do tabu sexual, concedendo visibilidade e voz a temas espinhosos para a sociedade da época. Dentre eles, está a homossexualidade. Vejamos uma carta escrita em 9 de abril de 1935, endereçada a uma mãe americana preocupada com o comportamento de seu filho. Seguem suas palavras:

Percebo pela sua carta que seu filho é homossexual. Estou profundamente impressionado com o fato de que a senhora não menciona pessoalmente este termo, em suas informações sobre ele. Posso lhe perguntar por que o evita? [...]. A homossexualidade certamente não é uma vantagem [...], mas não há nada de se envergonhar, não é um vício, não é uma degradação, não pode ser classificada como doença; nós a consideramos como uma variação da função sexual. [...]. Muitos indivíduos altamente respeitáveis dos tempos antigos e modernos foram homossexuais [...] entre eles, vários dos maiores nomes (Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci etc.). É uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como crime – e também uma crueldade. (Freud, 1935/1967, p. 43)

Nesse sentido, o pai da psicanálise inaugura um novo posicionamento ético sobre o assunto, concebendo a homossexualidade como uma "variação da função sexual", deslocando-a de seu lugar marginal, tal como era situada naquele momento. A advertência de Freud de que não se tratava de uma doença foi a semente plantada para ser concebida segundo sua função constituinte do sujeito. Freud nunca recuou de sustentar essa posição.

Na contemporaneidade, a homossexualidade vem sendo concebida em meio à multiplicidade de especulações. Observa-se que os ditames das ciências e das religiões ainda articulam ao campo da patologia e da discriminação. A alusão ao aspecto da genitalidade revela uma visão reducionista, que encontra seus ecos no binarismo e no campo da *heterossexualidade compulsória* (Butler, 2016). Podemos citar, como exemplo, o recente Projeto de Decreto Legislativo de Nº 234/2011, de autoria do deputado federal João Campos (PSDB-GO), discutido durante a permanência do deputado e pastor Marcos Feliciano (PSC-SP) na Comissão de Direitos Humanos. O projeto sugere a existência de uma condição egodistônica, supostamente ocorrida quando a orientação sexual não se encontra em sintonia com o eu do sujeito.

Nesse sentido, a resolução do conselho incide sobre o livre exercício da psicologia de "tratar" do sujeito que se encontra em sofrimento por desejar "reorientar-se" em sua sexualidade, amparando-se na existência de uma condição "egodistônica", uma não sintonia entre a orientação sexual e o eu (CID-10, 1993), pressupondo a existência do que seria uma perfeita "egossintonia" como uma alusão a uma pretensa normalidade da saúde psíquica, justificando o direito à busca pelo tratamento terapêutico. A suposição de transtornos apresentados sob o invólucro da identidade sexual, como o *transexualismo* e a *disforia de gênero* (DSM-V, 2014), assim como a de orientação sexual egodistônica constituem visões reducionistas entre o que seriam as homossexualidades e as transexualidades e ignoram as questões culturais e sociais que permeiam a história da humanidade.

Importante acrescentar que o saber da Psicologia adota como seu objeto de estudo a unidade do indivíduo, cuja sexualidade é conduzida pelo eixo da genitalidade, sendo representada como uma função psicofísica (Elia, 1995). Seus discursos metodológicos se articulam à noção de corpo-indivíduo. Nesse mesmo direcionamento, a American Psychological Association (APA) define *ego distônico* (Vanderbos, 2010) em alusão aos impulsos, pensamentos e desejos inaceitáveis ou repugnantes ao eu, antônimo do *ego sintônico* (Vanderbos, 2010, p. 330). Estas são perspectivas distintas do que Freud (1937) apresentou na utilização do termo "egossintônico" referindo-se à localização de impulsos masculinos comumente encontrados em ambos os sexos, no homem pelo temor à passividade feminina e, na mulher, durante a fase fálica e anterior ao desenvolvimento da feminilidade.

Em face dessas considerações, questionamos o que a psicanálise tem a dizer acerca do fenômeno das homossexualidades, considerando que segundo Freud a percepção da diferença anatômica está na base na estruturação das identificações do sujeito às instâncias parentais. Isso significa que os encaminhamentos de seu desejo, que estruturam a posição feminina ou masculina, estão situados na contingência dos destinos desenhados pela travessia da castração e não apenas na posse do órgão genital em si. Nesse direcionamento, formulamos o seguinte objetivo: apresentar, na perspectiva da psicanálise, os princípios da sexualidade inconsciente do sujeito, articulando-a à discussão acerca da despatologização das homossexualidades.

Das inversões às homossexualidades

Em 1897, o médico e psicólogo britânico Havelock Ellis, apresenta pela primeira vez o termo “inversão sexual” para se referir a homens com características de feminilidade e de sensibilidade. A ênfase recaía sobre aspectos congênitos e naturais, numa tentativa primeira de promover um conceito médico que fosse a favor da causa homossexual (Vieira, 2009; Paoliello, 2013). Este conceito se tornou uma apropriação das emergentes correntes científicas de sua época. Vigorava o modelo médico moral e higienista vigente na era capitalista, que se propôs a diagnosticar na tentativa de curar aqueles que porventura apontassem para o desejo homossexual, classificando-os como invertidos. Posição que abriu espaço às atribuições pejorativas, situando-a no contexto de aberração sexual e das perversões sexuais.

Com a publicação dos “Três ensaios para uma teoria da sexualidade”, Freud (1905/2006) rompe com as concepções biologizantes da sexologia da época, afirmando que a sexualidade humana em si, é perversa, no sentido que essa se afasta dos fins reprodutivos, assumindo múltiplas formas de expressão para o sujeito. Ao lançar mão da ideia de que a sexualidade não é comandada de forma instintual, mas sim, pela primazia da pulsão, Freud evidencia a plasticidade das expressões sexuais que subvertem a norma. Ao falar dos ditos “invertidos”, o autor refuta as ideias ligadas a degenerescência, dando à “inversão” um status tão legítimo quanto o chamado “normal” (Ceccarelli, 2008; Moreira, 2010).

O entendimento de “inversão” sexual em Freud (1905/2006) nega as concepções de casualidade inata e de degenerescência. No recurso à bissexualidade, para o qual se mostra necessário transpor os fatores anatômicos para o campo psíquico, discute-se ao mesmo tempo em que se questiona o que seria um *hermafroditismo* psíquico, com a inferência de que tal teoria estaria longe de representar as características universais da inversão. A multiplicidade das formas de manifestação da homossexualidade não passou despercebida pelo autor, ao contrário, ele se baseia e agrega em suas teorias os aspectos das suas apresentações na história da humanidade.

O que de fato ocorre nas inversões, ainda de acordo com a obra de 1905, são os desvios da pulsão daquilo que se concebeu como alvo sexual normal, onde seria a pulsão e o alvo sexual normal representados pelo encontro das genitálias no ato do coito. Contudo, estes desvios das pulsões que pervertem e transgridem o ato sexual em si – como, por exemplo, as preliminares, o olhar, o tocar, o sexo oral, anal, etc. – são fatores que constituem o tecido da vida sexual humana, sendo a homossexualidade apenas uma variação da função sexual. Seguem as palavras do mestre:

A experiência cotidiana nos mostrou que a maioria dessas transgressões, no mínimo a menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias e que é por elas julgado como qualquer outra intimidade [...]. Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só,

para mostrar qual impropria é a utilização reprobatória da palavra perversão.
(Freud, 1905/2006, p. 152)

Deve-se ter em conta que Freud viveu e elaborou suas teorias nos contextos culturais e sociais da era vitoriana, e neste primeiro momento estava bastante preocupado com a cientificidade da teoria e da clínica psicanalítica, por isso ocorre de início, uma forte apropriação dos termos científicos da medicina vigente, e a busca pelo que seria normal e sadio ou patológico. Os três ensaios sobre a sexualidade foram revisados ao longo dos aprofundamentos da psicanálise durante seus anos de inauguração. Em importante nota de rodapé acrescida aos três ensaios na edição de 1915, destaca-se:

A investigação psicanalítica opõe-se com toda firmeza à tentativa de separar os homossexuais dos outros seres humanos como um grupo de índole singular. Ao estudar as outras excitações sexuais além das que se exprimem de maneira manifesta, ela consta que todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual e que de fato a consumaram no inconsciente.
(Freud, 1905/2006, p. 137)

Em "Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância", Freud (1910/1970) em uma substituição gradual do termo inversão pelo termo *homossexualidade*³, apresenta um aprofundamento teórico conceituado a partir da ideia de escolha narcísica de objeto e de identificação sexual. Com a utilização dos exemplos da vida e obra de Leonardo da Vinci – na homossexualidade masculina, o menino reprime seu amor pela mãe, colocando-se em seu lugar, identificando-se com ela e tomando a si próprio como modelo a que deve se assemelhar os novos objetos de amor. "Considerações psicológicas mais profundas justificam a afirmativa de que um homem que, assim se torna homossexual, permanece inconscientemente fixado à imagem mnêmica de sua mãe. Reprimindo seu amor à sua mãe, conserva-o em seu inconsciente e daí por diante permanece-lhe fiel" (Freud, 1910/1970, p. 92).

O texto apresenta um caráter ideal homossexual de Da Vinci, não pela realização da prática sexual, mas apontando a existência de uma sublimação realizada através de sua obra, o que levou o artista a uma sede insaciável e incansável de conhecimento (Freud, 1910). Contudo, o que se destaca é o avanço adquirido na teoria freudiana através do conceito de narcisismo, em que se subverte a primeira teoria das pulsões, quando, na segunda teoria, apresenta o eu como objeto de investimento libidinal (Borges, 1996).

Poli (2009) observa a proposição de Freud de que Leonardo era homossexual, havendo, no entanto, substituído a tendência erótica pela produção artística e científica. Assim, ele não tinha uma prática homoerótica, mas sua posição era homossexual. A autora lembra, com Freud, que:

"Sua obra tinha valor de fetiche [...] o artista fazia e desfazia a castração da mãe" (Poli, 2009, p. 305). Ou seja, toda a criação e busca de Leonardo partiria de um auto investimento, numa tentativa de retorno a um lugar antigo de si mesmo, assim como deve acontecer comumente na vida humana de qualquer sujeito.

O Édipo e a gênese de um corpo sexuado

Na segunda tópica freudiana, temos a evolução dos processos de identificação sexual a partir do modelo falo-edípico, em que o genital masculino assume um papel condutor no desenvolvimento estrutural do sujeito. No texto "A dissolução do complexo de Édipo" (Freud, 1924/2011), Freud infere que diante da percepção da diferença anatômica entre os sexos emerge uma angústia de castração na criança: no menino, a ameaça de castração e, na menina, a percepção de que é castrada. Como resultado, nos deparamos com a possibilidade de duas escolhas de satisfação da pulsão designadas para o menino: ativa ou passiva. Destaca-se nessa obra que "a anatomia é destino" (Freud, 1924/2011, p. 211), uma proposição a partir da percepção do real das diferenças entre as genitálias e as posições demarcadas para o sujeito decorrente dessa percepção.

Em outras palavras, em Freud (1925/2011) as resoluções destes conflitos serão distintas no menino e na menina. Nesse sentido, o menino sucumbe ao Édipo através da ameaça de castração ao perceber a não existência do pênis na menina. Enquanto que a menina entra na lógica edípica a partir da percepção da ausência do pênis, em comparação àqueles que o possuem. Assim, a percepção da diferença anatômica é a principal mediadora dos destinos de cada um. Infere-se ainda que o complexo de Édipo no menino "terá duplo sentido, ativo e passivo" (Freud, 1925/2011, p. 287), que corresponde à disposição bissexual do inconsciente, pois a criança, na trama do complexo de castração, também deseja se colocar como objeto de amor diante do pai e tomar o lugar da mãe.

As questões sobre a feminilidade são retomadas e ganham uma nova elaboração em "Sexualidade feminina" (Freud, 1931/1976), numa perspectiva em que serão delimitadas três possíveis caminhos após os efeitos do complexo de castração na mulher. O primeiro como o abandono da atividade fálica e, com isso, os aspectos da masculinidade e da sexualidade no geral; o segundo, como uma auto afirmativa da sua masculinidade ameaçada, em que, atravessada pelo complexo de castração, até uma idade tardia guardará a esperança de adquirir um pênis, o que pode resultar ainda na eleição de um objeto homossexual manifesto; e o terceiro ponto é apontando pela *normalidade*⁴ como caminho único pelo qual se obtém a feminilidade, sendo através deste que se dá a escolha do pai como objeto amor, atribuído pelo autor como via natural.

O que permanece como fundamental para o entendimento dos conceitos freudianos é a derrocada do que antes era entendido como uma primazia do genital. Ela é substituída pela concepção da uma primazia fálica, não havendo no plano psíquico a existência de dois sexos, mas

de apenas um. “No estágio da organização genital infantil que então se segue há *masculino*, mas não feminino; a oposição é: *genital masculino* ou *castrado*” (Freud, 1923/2011, p. 175, grifos do autor).

Sobre o Édipo envolto nas malhas das diferenças anatômicas, Lacan (1957-1958), em “A Metáfora Paterna”, defende que a essencialidade da sua função atende estritamente a assunção do próprio sexo, onde a genitalização, ao ser assumida, torna-se componente do ideal de eu, fazendo com que o homem e a mulher assumam os papéis designados entre a virilidade e a feminização, como forma de atender a este ideal. Vejamos o que Lacan diz:

A questão da genitalização é dupla, portanto. Há, por um lado, um salto que comporta uma evolução, uma maturação. Por outro, há no Édipo a assunção do próprio sexo pelo sujeito, isto é, para darmos os nomes as coisas, aquilo que faz com que o homem assumam o tipo viril e com que a mulher assumam um certo tipo feminino, se reconheça como mulher, identifique-se com suas funções de mulher. A virilidade e a feminização são os dois termos que traduzem o que é, essencialmente, a função do Édipo. Encontramo-nos, aí, no nível em que o Édipo está diretamente ligado à função do Ideal do eu - ele não tem outro sentido. (Lacan, 1957-1958, p. 171)

Seguindo com a teoria lacaniana, nos artigos “Os três tempos Édipo I e II” (Lacan, 1958/1999), há o expoente metafórico de três etapas do Édipo no qual se destaca a circulação do falo entre a mãe/Outro primordial, a criança e o pai. Deriva daí o conceito de sujeito que fundamenta a clínica lacaniana. De acordo com Lacan (1958/1999), no primeiro tempo do complexo de Édipo o sujeito se identifica com o objeto de desejo da mãe, seu falo. Nesta etapa, se constituirá o narcisismo da criança, posto que ela é falada e situada pelo Outro como o que completará a mãe. Nesta fase o pai está presente, mas não ainda como Lei simbólica (como mais tarde poderá se situar), mesmo que se apresente de maneira primitiva, atravessando o desejo materno. O que está imposto neste tempo é *ser* o falo da mãe, permanecendo numa posição de alienação a este Outro materno.

No segundo tempo, através do discurso da mãe, o pai faz sua entrada simbólica na relação mãe e filho. É a metáfora *Nome-do-pai* que atravessa essa relação. Ocorrida no plano imaginário, a criança percebe não ser o que tampona a falta da mãe. Isso porque, ela lança seu desejo noutra direção, situando o seu objeto noutra lugar. Significa, a um só tempo, a evidência da falta materna e a sua própria condição de faltante, o que priva o sujeito de possuí-la e ser por ela possuído (Lacan, 1958/1999). Nesta etapa a criança se coloca no jogo imaginário de ser ou não possuidora do falo, ao mesmo tempo em que especula se este não estará com o pai – que representa também a lei – já que ele é aquele para quem a mãe também direciona o desejo.

No terceiro e último tempo, demarca-se a passagem do imaginário para o simbólico, a entrada da Lei, da metáfora paterna que fará a criança desejar encontrar aquilo com o que imaginariamente havia entrado em disputa e que foi perdido, mas que deverá estar com o pai. Tão logo: "O pai se revela como aquele que tem. É a saída do complexo de Édipo, aquela que é favorável na medida em que a identificação com o pai é feita nesse terceiro tempo, no qual ele intervém como aquele que tem o falo. Essa identificação chama-se *Ideal do eu*" (Lacan, 1958/1999, p. 200). A função paterna impede a criança de ficar alienada ao desejo do Outro. É o possuidor da lei que irá repercutir na formação do ideal de eu da criança, é aquele que castra e se torna a referência da identificação do sujeito. A mãe, marcada pela metáfora materna, introduz o bebê no campo da linguagem.

Em Lacan (1958/1999) temos um importante avanço na teoria falo-edípica concernente a alguns aspectos da homossexualidade masculina. Ele coloca em pauta uma relação "profunda e perpetua" (Lacan, 1958/1999, p. 215) que o sujeito estabelece com a mãe. Mãe que cuidou do filho de forma muito castradora e teria estabelecido com esse sujeito uma relação minuciosa de cuidados. Ela se apresenta como a possuidora de uma função mais diretiva entre a relação do casal parental, em que a função paterna ligada ao homem será marcada pela passividade do pai, definido em termos lacanianos como muito amoroso. Trata-se de um pai *distante*, cujas mensagens só chegariam por intermédio da mãe, fazendo valer a sua presença através do discurso da mãe. Logo, a lei é introduzida pela mãe que a ditou. É na função materna em que se encontra a chave da saída do Édipo.

A introdução da metáfora paterna é o que indica a relação do sujeito com a lei, determinando a sua não denegação. Sobre o advento de uma lei ditada pela mãe, Lacan (1958/1999, p. 219) infere que:

Se o homossexual se identifica com ela, não é, de modo algum, pura e simplesmente por ela ter ou não ter o adjeto, mas por deter as chaves da situação particular que prevalece na saída do Édipo, onde se julga a questão de saber qual dos dois, afinal de contas, detém o poder. Não um poder qualquer, mas, muito precisamente, o poder do amor, e na medida em que os vínculos complexos da edificação do Édipo, tal como lhes são apresentados aqui, permitem-lhes compreender como a relação com a força da lei repercute, metaforicamente, na relação com o objeto fantástico que é o falo, como o objeto com o qual, num dado momento, deve fazer-se a identificação do sujeito. (Lacan, 1958/1999, p. 219)

Na teoria edípica tal como Lacan a releu, o falo é o operador dos três tempos do Édipo. Ele circula no interior da tríade mãe-criança-pai. A presença real do pênis no corpo é o suporte

imaginário da presença do falo, assim como sua ausência o negativiza. É desse modo que o falo promove a construção de equivalências imaginárias que deslocam a falta constitutiva dos sujeitos enquanto seres de linguagem para localizá-la no seu corpo de algum modo. Ao desenvolver as fórmulas da sexuação, Lacan mostra como a sexualidade humana é logicamente organizada enquanto decorrente da maneira como cada um simboliza o real do seu sexo e o modo de gozo que lhe corresponde diante da diferença sexual. Essas diferentes modalidades de gozo repercutem sob o uso dos significantes masculino e feminino, que também entram em jogo.

A diferença sexual é atravessada pela linguagem, no entorno do simbólico entre o masculino e o feminino, que emergem com os significantes *ele* ou *ela*. São termos que necessitarão da elaboração (psíquica), na medida em que a criança vai adentrando no campo da fala e esbarra nestes signos. A partir do nascimento, é atribuído ao sexo um valor como investimento do Outro. Inserido em um mundo de linguagem, o bebê é primeiramente falado antes de falar por si próprio, é preparado para o mundo como menino ou menina antes de se “descobrir” ou de se desvelar. Com isso, a proposição de Butler (2016), quanto ao que ela define como sexualidade pré-discursiva e que estaria anterior ao sujeito, impõe para nós uma reflexão importante: a presença do real anatômico, uma realidade que o sujeito não escolheu, precipita um discurso acerca dessa concretude – o real sobre o qual sempre recobrirá com um *meio-dizer*. O sujeito partirá do desejo do Outro primordial, do qual lhe servirá para sua constituição narcísica, mas que deverá ser interditado para que ele caminhe em busca do seu próprio desejo, nomeando no campo simbólico o real do seu corpo. A masculinidade e a feminilidade serão assumidas como posições sexuadas a partir de um lugar de identificação do sujeito ao perceber-se em meio ao enigma da diferença sexual. Isso corresponde à assunção do próprio desejo.

Jorge (2013) lembra que no direcionamento da sua posição sexuada, o acesso ao Outro sexo só se dá pela mediação da fantasia, de modo que o Outro sexo é sempre Outro. Nesse sentido, estruturalmente falando, só há heterossexualidade. Isso significa que o sujeito diante do outro – homem ou mulher – está sempre diante do Outro sexo. Assim, dizemos que, para a psicanálise, o Outro sexo não existe. Na medida em que o real atravessa as diferenças anatômicas, temos o inominável do sexo, aquilo que é impossível de ser simbolizado (Jorge, 2013). Isso implica que o conhecimento sobre o sexo é uma construção significativa do sujeito, posto que a relação com o seu corpo se encontra no eixo imaginário do nó borromeano, sendo na relação com o Outro que este ganha forma.

Em “A significação do falo”, Lacan (1958/1998, p. 692), ao referir-se ao complexo de castração, afirma que “que existe aí uma antinomia interna na assunção de seu sexo pelo homem”. Na compreensão de que os atributos da sexualidade também são advindos sob a ameaça da privação, o falo não está no pênis, ele nunca esteve, ele está outro lugar. Será preciso buscá-lo, seja masculinizando-se ou feminizando-se. Contudo, as possibilidades são muitas e a busca será necessária para mover o sujeito pela via do desejo.

O que seria então o masculino e o feminino? Kehl (1996) resume que homens e mulheres são uma coisa só, apartados somente por uma diferença mínima, que é a anatômica, mas que é moeda imaginária de grande valor na negociação no amor.

Não é de espantar que qualquer um, independente do sexo anatômico (a que chamamos de "gênero"), possa preencher os requisitos para se candidatar ao lugar masculino e feminino – a produção pós-moderna das "sexualidades alternativas" está aí para atestar que homens e mulheres afinal, a despeito do imenso esforço repressivo de quase todas as civilizações que tentam manter os dois em terrenos bem demarcados, são praticamente uma coisa só, apesar da pequena diferença irredutível que torna o encontro erótico cheio de possibilidades interessantes. Diferença irredutível, mas não fundamental para o desejo, já que todas as formas de amor homoerótico se baseiam justamente no prazer de eliminá-la. (Kehl, 1996, p. 185-186)

Para uma não patologização das homossexualidades

Com base nos constructos psicanalíticos expostos até aqui, retomamos agora a questão do já citado Projeto de Decreto Legislativo de nº 234/2011, que tenta sustar a resolução 001/99, do Conselho Federal de Psicologia - CFP, que estabelece as normas de atuação do psicólogo em relação à orientação sexual. Elas consideram "que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão". Por esta razão, o parágrafo único do 3º artigo indica que "Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades". Questionamos, portanto, a condição *egodistônica* que reforçaria o projeto apelidado de "cura gay". Ao veicular que o sujeito, revestido por algum sofrimento decorrente da sua orientação sexual, poderia procurar a clínica com o desejo de curar-se de sua condição egodistônica, o projeto revela total desconhecimento da condição constitutiva da sexualidade humana, tal como é conceituada pela psicanálise. O saber psicanalítico não se restringe apenas a fazer parte da estrutura curricular dos cursos de graduação em Psicologia. Esta tradição de conhecimento comparece também em diversos espaços acadêmicos.

O que o sujeito busca, quando revela algum sofrimento relacionado à sua posição sexuada, não é propriamente recusar a orientação de seu sexo, mas falar sobre um mal-estar que, dentre as muitas questões que podem estar atreladas à imagem inconsciente de seu corpo, aludem também às artimanhas dos preconceitos que estão fortemente arraigados na nossa cultura e que frequentemente são potenciais produtores de sofrimento. A ideia da "cura" apareceria aí como uma saída imaginária que encobriria as vicissitudes do jogo da sexuação, na qual reside o real impossível de dizer. Não há possibilidade de cura do incurável, que é o impossível de dizer sobre a diferença sexual. Para cada sujeito que se apresente com a demanda

de cura, há que se escutar seu singular, para apreender o que nele fala sobre essa "cura".

Se pensarmos na homofobia como uma atuação diante do real do sexo, temos em Jorge (2013, p. 16) a apresentação de que esta "recobre, de fato o campo mais semântico do repúdio à própria homossexualidade, pelo repúdio projetivo da homossexualidade no outro: repudia-se, no outro, aquilo que incomoda em nós mesmos". Se atribuímos uma relação única e singular de cada sujeito com o seu sexo e se podemos pensar nas malhas do complexo de Édipo e do complexo de castração se interpolando entre os diversos tabus da nossa época, como poderíamos garantir a "boa elaboração" de um processo "psicológico" sobre um campo onde não existe universais? Pois, é no um a um que o sujeito se apresenta.

Deve-se pôr em conta que a atribuição do masculino/homem e feminino/mulher como um campo lógico para a função do desejo sexual entre ambos sexos, advém do entendimento histórico da heterossexualidade como forma ideal de laço conjugal. Permeia-se o campo de uma normalidade inventada, que se atrela muito bem ao discurso higienista da clínica, e que, por sua vez, adquiriu fortes raízes da moralidade religiosa no tratar das homossexualidades.

Ao posicionar-se em defesa de uma possível clínica que tenha como objetivo tratar a homossexualidade quando esta estiver associada a algum sofrimento, o projeto de Decreto Legislativo de nº 234/2011 propõe, mesmo que de forma velada, colocar as homossexualidades em uma posição de algo que tange o curável, remediável, reversível, requerendo inclusive que as psicologias, enquanto "saber científico", exerçam tal papel.

A psicanálise parte do discurso do sujeito do inconsciente, do qual emerge sua condição desejante. Ao falar, o sujeito percorre o campo das identificações sexuais, contornando-as. Trata-se de formas de expressão do desejo referente à escolha (inconsciente) do objeto de amor.

O poeta disse, "eu vejo o futuro repetir o passado, vejo um museu de grandes novidades"⁵. Depois de tanto avançarmos nos direitos à despatologização e à descriminalização das homossexualidades, a história torna-se a repetir, como roupa velha que retorna à moda. Vemos políticos ligados as instituições religiosas, sob jugo inquisitório, impor à caráter de tratamento e de cura, o que somente "cada um sabe sobre a dor e a delícia de ser o que é"⁶.

Considerações Finais

Freud localizou a homossexualidade como mais uma dentre as diversas manifestações da sexualidade humana, uma vez que é guiada pela via da pulsão e do desejo. Por isso, torna-se primordial sustentar que o discurso psicanalítico pode contribuir para a discussão da despatologização das homossexualidades. Isso porque, sempre constituiu uma questão cara à psicanálise o fato de que possuir ou não o pênis não é garantia de que o menino e a menina se coloquem respectivamente na posição masculina e feminina. Há algo da representação psíquica que implica a tomada de posição do sujeito diante das diferenças anatômicas. E esse aspecto está para além de qualquer redução simplista que conceba *masculino* e *feminino* apenas a partir da

posse do genital específico da espécie *macho* ou *fêmea*. É nesse sentido que afirmamos que é a fantasia inconsciente que permanecerá como correlata da posição assumida pelo sujeito diante do falo. Isso porque a concretude genital será sempre recoberta por uma representação relativa ao campo fálico.

A teoria freudiana, respaldada por sua leitura feita por Lacan, nos permite compreender o Projeto de Decreto Legislativo nº 234/2011 como uma espécie de tentativa de "harmonização" do sujeito com seu desejo no sentido de tentar leva-lo a um possível estado de "acordo" com sua *falta-a-ser*, uma vez que o toma como *distônico*. O que a psicanálise ensina é que, não há sintonia possível em relação ao desejo, mas a produção de *uma* fala singular.

A patologização das homossexualidades de nossa época, incutida nas mentalidades através de ideologias disseminadas em nome de discursos que se dizem científicos, são tentativas imaginárias de categorizar o real. Elas veiculam uma perigosa promessa: a de dar lugar ao ideal da heterossexualidade como expressão de uma possível normalidade. Como um contraponto, o rigor da clínica psicanalítica está em sustentar a clínica da singularidade referente ao modo como cada sujeito goza do seu corpo. Nesse sentido, devemos continuar a promover discussões teóricas que contribuam para a construção de um fazer fundamentado na escuta do discurso inconsciente do sujeito, entendendo que é este que revela a singularidade de sua posição sexual.

Notas:

¹ O presente artigo derivou do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Potiguar – UNP/RN, como requisito para obtenção de nota final.

² Gênesis 2:24. Levítico 18:22. Romanos 1:26.

³ Segundo Paoliello (2013, p. 33-34), o termo "homossexualidade" foi criado em 1869, pelo escritor, jornalista e ativista austro-húngaro Karl-Maria Kertbeny, em oposição à utilização da palavra "pederasta". Este termo também foi disseminado pelo considerado fundador da sexologia, Von Krafft-Ebing, na sua famosa obra *Psychopathia Sexualis* em 1892, apresentada como uma "anomalia do instinto de reprodução da espécie" e como degeneração. Mais tarde, em 1901, foi termo reposicionado pelo autor, a partir dos seus estudos freudianos, onde publica que não se pode generalizar a homossexualidade enquanto doença mental.

⁴ Compreendemos que o conceito de normalidade, citado por Freud, se refere à forma ideal do modelo heterossexual feminino, vigente na época.

⁵ Trecho da canção "O tempo não para", de Cazuza.

⁶ Menção à canção "Dom de iludir", de Caetano Veloso.

Referências Bibliográficas

American Psychiatric Association. (2014). *DSM-V. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos*

- mentais*. Porto Alegre: Artmed.
- Borges, S. (1996). Romance de uma criança: o corpo narcísico. *Metamorfoses do corpo: uma pedagogia freudiana* (pp. 105-132). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Butler, J. (2016). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Resolução CFP nº 001/99 de 22 de março de 1999*. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual Conselho Federal De Psicologia. Recuperado de https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf
- Freud, S. (2006). Três Ensaio sobre a Sexualidade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7) Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1970). Leonardo da Vinci e uma Lembrança da Sua Infância. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11) Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2011). A Organização Genital Infantil. *Obras completas: O eu e id, "autobiografia" e outros textos* (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2011). Dissolução do Complexo de Édipo (2011b). *Obras completas: O eu e id, "autobiografia" e outros textos* (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1967). *Lettre de Freud à Mrs N. N...: Correspondance de Freud 1873-1939*. Paris: Gallimard (Originalmente publicado em 1935).
- Freud, S. (1976). Análise terminável e interminável. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1937).
- Elia, L (1995). *Corpo e Sexualidade: em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Editora UAPÊ.
- Jorge, M. (2013). O real e o sexual: do inominável ao pré-conceito. In Quinet, A. & Jorge, M. (Orgs). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização* (pp. 29-46). São Paulo: Segmento Farma Editores.
- Kehl, M. R. (1996). *A Mínima Diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Paoliello, G. (2013). A Despatologização da Homossexualidade. In Quinet, A. & Jorge, M. (Orgs). *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização* (pp 29-46). São Paulo: Segmento Farma Editores.
- Poli, M. C. (2007). *Feminino/Masculino: a diferença sexual em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Poli, M. C. (2009). Sexuação e formas contemporâneas de representação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(2), 303-315.

Vieira, L. L. F. (2009, jun.). As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 9(2), 487-525.

Citação/Citation: Veras de Souza, K. C.; Medeiros, J. V. L. & Nunes, H. S. (nov. 2017 a abr. 2018). Curar-se da cura das homossexualidades: um manifesto à despatologização. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 13(25), 17-30. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v12n25p17-30.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 04/01/2017 / 01/04/2017.

Aceito/Accepted: 12/05/2017 / 05/12/2017.

Copyright: © 2018 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.